



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Visões do passado e do presente na cerâmica morfose de Carrapicho¹

Ana Valéria Machado Mendonça

Resumo

Esta pesquisa trata sobre a problemática infanto-juvenil relacionada à produção artístico-cultural observada em Santana do São Francisco, ex-Carrapicho, município localizado no estado de Sergipe, Nordeste do Brasil. Com uma abordagem relativa à cultura, sociedade, economia e produção artesanal da comunidade do Baixo São Francisco, sob o ponto de vista jornalístico, o trabalho apresenta relatos de vida e detalhes da sobrevivência e interferência da globalização nos produtos confeccionados em barro pela comunidade, formada por adultos e crianças. Mostra ainda as alternativas encontradas pelos artesãos para conservar suas características produtivas herdadas por gerações, e sua adaptação às exigências capitalistas do mercado de consumo diante dos tradicionais bois, cofres, cavalos, potes e moringas de barro, utensílios comuns às famílias nordestinas.

Palavras-chave

Jornalismo cultural – Comunicação das minorias – Mídia e infância

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SUMÁRIO

Introdução	04
Essa tal globalização.....	06
A cerâmica morfose da “ex-Carrapicho”	09
Conclusão	11
Referências Bibliográficas	12



Introdução

Distante 123 km da capital do estado de Sergipe, Nordeste brasileiro, o povoado de Carrapicho passou a se chamar oficialmente município de Santana do São Francisco através da Lei nº 1254, de 06/04/1964², consolidando-se em 01/01/1993, quando ocorreu o desmembramento do então município de Neópolis.

Carrapicho, como até hoje é chamada Santana do São Francisco, tem uma história totalmente relacionada ao barro, naturalmente encontrado nas lagoas da região compreendida no Baixo São Francisco. Muitas delas não existem mais ou não são tão extensas e úmidas como antes, mas é do desmonte da área que sai a matéria prima para os tijolos de cerâmica. A porção da argila direcionada para a fabricação dos tijolos é mais dura, ressecada, que não permite o acabamento exigido ao artesanato.

O processo de separação dos variados tipos de argila é feito por famílias, na maioria crianças, ou pessoas contratadas para a escavação do terreno, a separação do desmonte da argila, e a pisa do material que mais tarde será transportado em burros até os artesãos ou seguirá adiante, em forma de encomendas para outros artesãos de Aracaju, onde 500 kg de argila são vendidos por R\$ 50,00³.

As questões sócio-ambientais estão, inevitavelmente, presentes na rotina das famílias dos artesãos. Desde menino, Claudionor Catarino dos Santos lida com as dificuldades do ofício escolhido por ele e sua família. A madeira que ‘alimenta’ os grandes e pequenos fornos de queima das peças está cada vez mais difícil e cara. A compra é sempre informal e vez por outra eles podem perder uma carga por conta de uma fiscalização de última hora. Uma carroça de lenha custa R\$ 20,00 numa quantidade que corresponde a dois metros quadrados de madeira.

Para os pequenos, a compra da madeira é sempre mais complicada, enquanto para os grandes empresários, as encomendas de madeira passam sem vistoria. Não há uma estatística de quanto o município consome em madeira e argila, mas todos os que as

² ARAÚJO, Acrísio Torres. Pequena História de Sergipe, Aracaju, 1966.

³ Valor de mercado avaliado entre os meses de outubro a dezembro de 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

utilizam, têm consciência da necessidade urgente de reflorestamento em toda a região, abençoada pela qualidade do barro e pela consistência da lenha.

A necessária substituição da mão de obra artesã pelas crianças ou adolescentes do município, herdeiros naturais da arte em cerâmica característica de Carrapicho, é outro problema que atinge a comunidade. A forma como as famílias enfrentam a globalização e o capitalismo influenciados pelos atuais consumidores do artesanato de carrapicho e a saída encontrada para driblar esse processo também são sinônimos de preocupação para a comunidade de artesãos, analisada nesse estudo.



Essa tal globalização

Tapas e amassos estreitam as relações entre o artesão e sua arte. Do manuseio da argila, para muitos considerada impura, saem as formas mais inesperadas, ou mesmo cuidadosamente calculadas em volume, forma e acabamento artesanal. É assim que acontece em carrapicho, o produto final idealizado pelo artesão, que é levado ao forno numa temperatura por vezes incalculável, transformam-se em milhares de moringas, vasos, bois, potes, pratos e uma infinidade de peças produzidas em Santana do São Francisco, região com a fama de possuir a melhor argila de Sergipe.

Quem assiste ao trabalho de um artesão, logo percebe a relação familiar que o liga à peça e à família. De um lado estão pais e filhos trabalhando com o mesmo fim: o sustento da casa; do outro estão pais e filhos, ou melhor, artista e obra, numa união indescritível, típica para quem já nasce com cheiro de barro na pele. É assim que vive o artesão Edilson de Oliveira Fortes, com a família e seu artesanato, abrigado em galpões construídos no terreiro onde mora, trabalha e comercializa a produção.

Ele e outras 20 pessoas trabalham diariamente em busca da perfeição abstrata de ‘inventar’ uma forma nova, entre as várias modeladas em série. Aliás, a forma em série descaracterizou a arte criativa do modelador de argila, que passou a copiar modelos trazidos e imaginados por seus clientes. Receita para fazer artesão não existe. A arte tem que ser descoberta, para ser vista, amada e apreendida. Esta é a receita ensinada pelos artesãos do local.

Edilson não fica parado. Basta ter uma quantidade de peças para encher um caminhão que o artesão se põe na estrada, passa três meses ou mais fora e quando volta sem carga, está pronto para começar tudo de novo. Barro, base de madeira para fixar as peças, torno e arame de corte são os instrumentos utilizados pelo artesão Wilson de Carvalho. Especialista



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

em peças grandes, ele enfeita o salão em que trabalha com sertanejos, Luiz Gonzaga, bois e cavalos em grandes dimensões e uma infinidade de figuras decorativas criadas por sua imaginação.

Pegar em argila é sentir uma massa fria e consistente nas mãos, inodora e que estimula à criatividade de qualquer mortal. Imagine se este mortal for uma criança, afoita por novas descobertas, diante da possibilidade de modelar o barro. O suficiente para Roberto Santos Cruz, 16, e o irmão, Diego José Santos Cruz, 13, buscarem na brincadeira a maneira de ajudar à família. Ele e o irmão pintam de branco as peças que mais tarde serão envernizadas pela mãe, revendedora de cerâmica. Juntos, os irmãos produzem 20 conjuntos por semana. Os meninos trabalham de manhã e estudam à tarde. Iniciam uma cadeia natural de precocidade laborativa, associada à preservação natural da cultura.

De acordo com o professor Estélio Gomberg, mestre em antropologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um estudioso da socialização de crianças, “enquanto preservação cultural, é importante o contato da criança iniciante com o artista”, constata o pesquisador.

Dessa forma, sua arte é mais valorizada quando descoberta naturalmente na forma de socialização da cultura, no entanto, muitas vezes não é o que acontece, pois pegar a criança e ocupá-la com parte do dia trabalhando, é, às vezes, necessário para a manutenção da família. Difícil é prever o que vem a ser a arte e onde é o trabalho, ou seja, a inserção precoce da criança.

A adaptação ao contemporâneo também está refletida nas peças de Josabete Santos, 56 e seu filho, Osmi Santos. Peixes, sapos, corujas e cavalinhos são a especialidade da artesã, que passa semanas e até meses sem nada vender. Conforme relato da artesã, quando os clientes aparecem vindos de Porto Seguro, na Bahia, Penedo, em Alagoas e até de Pernambuco, tudo melhora. Quando os clientes demoram a aparecer a crise financeira aterroriza a família de tal maneira, que seu filho já trocou o barro pela madeira, com a qual faz armários, camas, peças de decoração e tudo mais que o cliente pedir, afinal, artista mexe com qualquer matéria-prima.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para ajudar na comercialização estagnada dos trabalhos produzidos em Carrapicho, assim como em outras localidades do Estado, o Movimento Amigos da Arte, organizou em 2001 duas grandes exposições coletivas em Aracaju e a publicação do “Catálogo de Artesãos de Sergipe”, com textos de jornalistas locais. Quando a proposta surgiu, pensou-se em valorizar o trabalho das famílias, destacando-as por município e dando suporte para a manutenção de cada um que participasse dos eventos, que aconteceram durante dois meses consecutivos nos shoppings da cidade.

Manutenção para os artesãos, significa dinheiro para trabalhar e manter as forças para continuar lidando com o torno, como faz José Antônio, o ‘Zé de Flora’, como é conhecido . Famoso pelas peças que seguem viagem para Europa e outros cantos do país, Antônio já trabalhou com 40 meninos de rua, num projeto financiado com recursos estrangeiros, ensinando o ofício e produzindo junto com os meninos mais de 300 peças por dia. O projeto surgiu por acaso e deu certo até quando a exploração dos meninos começou. Um garoto pobre que recebe a proposta de fazer um x número de peças por R\$ 50 ou mais não quer saber de arte. Eles acabam sendo vencidos pela exploração de quem chega no município e oferece preços muito abaixo da realidade econômica da comunidade, a fim de barganhar arte.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A cerâmica morfose da “ex-Carrapicho”

Ainda de acordo com o antropólogo Estélio Gomberg, um estudioso do tema há 10 anos, a adaptação dos traços e formas da cerâmica encontrada na região de Santana do São Francisco evoluiu de maneira gradativa no decorrer dos tempo. Até porque, é natural que os estilos artísticos sofram transformações ou influências que indiquem o desenvolvimento cultural, social e econômico da comunidade, mas o que se observa nitidamente em Santana do São Francisco, trata-se de uma transformação meramente econômica, com vistas à sustentabilidade do próprio artesanato e não mais das famílias.

Para a cidade, as peças não são mais produzidas para a preservação, mas sim pela comercialização. A adaptação das peças ao aspecto comercial vem transformando as características, daí pergunta-se: Ela continua sendo uma arte nativa? Sobre essa realidade social, a arte nativa está sendo massacrada por outras formas de arte, a exemplo da arte marajoara, desenhos com personagens de televisão, detalhes em metal, e outros elementos diversos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Essa transformação da peça ocorre de um modo que nem mesmo o artesão reconhece, num efeito de metamorfose associado ao comentado por VELHO⁴. Edilson de Oliveira Fortes, 49, é um exemplo de como as adaptações renovam os conceitos de cada artesão, comprovando a teoria levantada no município. Os detalhes marajoaras de sua cerâmica nem sequer são observadas pelo artista, que chega a carregar um caminhão com a produção e seguir viagem por meses, a fim de vender todo o estoque e assim garantir o sustento da família, que vive em função da cerâmica. Quando o cliente pede uma nova forma, o jeito é consultar jornais, revistas e ilustrações, os detalhes da transformação que facilitaria a venda em série de uma ou mais peças.

O nome Marajoara, significa morador da Ilha de Marajó, a maior ilha fluvial do mundo. Inicialmente habitada por índios *Ianomaches*, tribo praticamente desconhecida, formada por descendentes diretos dos *Ianomâmis*, mas com hábitos extremamente semelhantes aos dos apaches americanos. A cerâmica deste povo é reproduzida por artistas e caboclos da região que há séculos passam os segredos da arte de pai para filho.

A cultura marajoara foi dentre as culturas da região amazônica a que mais se desenvolveu. Esta civilização marcou profundamente sua presença pela expressão e beleza das peças, onde foram estudados os costumes, a vida e a cultura de forma simples, mas muito significativa. É uma relíquia cultural deixada por um povo primitivo, mas que sabia como ninguém trabalhar com o barro com muita perfeição e extremo bom gosto. A civilização Marajó não deixou para a posteridade cidades e obras de arquitetura, porém deixou uma cerâmica pela qual pode ser reconstituída toda a sua história. Sua intensa produção durou até aproximadamente o ano de 1.350 da era atual. Com paciência e sabedoria, transformaram a argila em peças utilitárias ou ornamentais, as quais souberam dar colorido, contraste e uma misturas de tintas extraídas de vegetais ou frutos silvestres. É representada por urnas funerárias, tangas, vasos e estatuetas, sendo que em todas as suas peças, podemos observar traços muito interessantes onde são retratados o desenvolvimento cultural, da civilização marajoara, índios habitantes da ilha de Marajó ao redor do lago Arari.

⁴ VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Conclusão

Em virtude do acelerado processo de globalização, que influencia a produção em argila dos artesãos sergipanos do município de Santana do São Francisco a fim de conseguirem manter a sobrevivência com a adaptação da arte aos novos conceitos trazidos pelos turistas á região, gerações inteiras decidiram inserir seus herdeiros numa técnica que descaracteriza os utensílios fabricados tradicionalmente em forma de potes, moringas, bois, cavalos tropeiros, cofres, pratos, panelas, vasos e outros utensílios em barro que até alguns 20 anos atrás determinavam o estilo produtivo dos artesãos da localidade.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Seria o efeito da “hibridização cultural dos habitantes globais”, sugerida por BAUMAN⁵ e que determina a estratégia de mobilidade esobrevivência entre a cultura e o consumo, associados ao movimento mundial que envolve a sociedade de consumo. De um lado a globalização divide, do outro ela também une culturas, a exemplo do que fez em Carrapicho com a união entre a cerâmica Marajoara de origem indígena e o artesanato caboclo de Santana do São Francisco.

No meio disso tudo estão as crianças, presente provedor do futuro, ameaçado pela miséria, pelas deficiências ambientais e ainda pelo sonho que nutrem em alcançarem algo melhor. Para os adultos, o passado é a necessidade da transmissão do ofício, para os menores, trata-se de uma obrigação nem sempre vista com bons olhos. No meio deles, está a cultura de um povo, a arte em cerâmica, o reconhecimento do mundo voltado para a pequena ex-Carrapicho, hoje, Santana do São Francisco.

Em CANCLINI⁶, observa-se que “*o problema é que esses universos de práticas e símbolos antigos estariam perecendo ou debilitando-se devido ao avanço da modernidade*”. Ele diz ainda que “*o folclore mantém certa coesão e resistência em comunidades indígenas ou zonas rurais, em ‘espaços urbanos de marginalidade extrema’, mas mesmo ali cresce a reivindicação de educação formal. A cultura tradicional se encontra exposta a uma interação crescente com a informação, a comunicação e os entretenimentos produzidos industrial e maciçamente*”.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Pequena História de Sergipe**. Aracaju, 1966.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. RJ: Zahar, 1999. p. 109.

⁶ CNCLINI< Néstor García. Culturas Híbridas.São Paulo: Edusp, 2000. p. 253.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DINIZ, Diana M. (coord.). **Textos para História de Sergipe**. Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe/BANESE, 1991.